



Victor Meireles
A Morte
Sem data
Óleo sobre tela

PARA QUE NINGUÉM A QUISESSE: UMA BREVE ANÁLISE DO DESEJO PATRIARCAL NO CONTO DE MARINA COLASANTI

Laryssa Ferreira da Silva*

ninguém a desejava mais - nem ele mesmo, já que foi, pouco a pouco, perdendo o interesse por ela, pela mulher que um dia viveu naquele corpo:

Agora podia viver descansado. Ninguém a olhava duas vezes, homem nenhum se interessava por ela. Esquiva como um gato, não mais atravessava praças. E evitava sair. Tão esquiva se fez, que ele foi deixando de ocupar-se dela, permitindo que fluísse em silêncio pelos cômodos, mimetizada com os móveis e as sombras. (Colasanti, 1986)

E sim, refiro-me ao passado, pois, além da destruição física que ele a causou, a pior consequência foi a destruição interior daquela mulher que, acostumada a viver naquela nova imagem desconfigurada, perdeu o interesse em si mesma. Sua vaidade já não existe mais, pois aquela era a sua nova versão e realidade, conforme o seguinte trecho evidencia:

Mas ela tinha desaprendido a gostar dessas coisas, nem pensava mais em lhe agradar. Largou o tecido numa gaveta, esqueceu o batom. E continuou andando pela casa de vestido de chita, enquanto a rosa desbotava sobre a cômoda. (Colasanti, 1986)

O sentimento de posse do personagem masculino em relação à personagem feminina é o reflexo de um sujeito-homem que se vale da violência psicológica para coagir e dominar a sua parceira. Segundo Giordani (2006, p. 73 apud Paulino e Kauss, 2015, p. 3), “O binômio domínio/submissão prevaleceu muito tempo, sendo, o primeiro, prerrogativa do homem e, o segundo, destinado inteiramente à mulher”. Embora o verbo esteja conjugado no passado, sabemos que, infelizmente, essa relação dicotômica ainda resiste na atualidade da mesma maneira, carregando a mesma carga simbólica que tanto subalterniza a mulher e a coloca na condição de ser sempre o Outro, como bem aponta e discute Simone de Beauvoir no primeiro volume de *O segundo sexo*.

Um outro aspecto muito relevante abordado por Colasanti nessa história é a saudade que o homem sente do desejo que ele sentia por sua esposa. Ao notar o estado crítico em que ela se encontrava, tanto na aparência quanto no estado emocional/psicológico, ele percebe que já não sente (assim como mais ninguém, conforme o seu próprio desejo) mais atração por ela. Para tentar

É um tanto quanto difícil, para não dizer impossível, não se sentir tocada(o) pela leitura do conto “Para que ninguém a quisesse”, de Marina Colasanti. Um miniconto, para ser mais exata. Um escrito pequeno em estrutura, mas gigante em significados, os quais são moldados à medida em que lemos e percebemos o infeliz retrato de uma sociedade machista e patriarcal. Mas antes de tecer comentários sobre o referido texto, vou começar do começo.

Contos de amor rasgados é o título da coletânea de contos escrita pela autora ítalo-brasileira Marina Colasanti e publicada pela primeira vez no ano de 1986. São pouco mais de duzentas páginas recheadas com escritos densos, delicados, singulares e, sobretudo, metafóricos, nos quais Colasanti versa sobre o universo das relações amorosas, desmascarando suas diversas faces e evidenciando suas fragilidades, principalmente no que diz respeito às tensões entre os gêneros.

No referido conto citado no início deste escrito, a autora narra, em poucas linhas, situações vividas por uma mulher que está presa num relacionamento abusivo, no qual seu parceiro extremamente ciumento e possessivo destrói gradativamente sua imagem e personalidade. Primeiro, ele começa a mexer no vestuário dela, exigindo-lhe que use vestidos cada vez mais longos, deixe de lado os sapatos de salto alto, abandone o uso de maquiagens e acessórios, não use mais nenhuma peça de seda, e nem mesmo mantenha mais cabelos longos - os quais ele fez questão de cortar com as próprias mãos.

Todas essas atitudes repugnantes foram tomadas por ele com o intuito de impedir que qualquer outro homem olhasse para a sua esposa, considerando que a beleza dela chamava a atenção e atraía muitos olhares. E ele conseguiu o que queria: ninguém mais a olhava,

* Graduada em Letras Vernáculas pela UESB. E-mail: contatolaryssaferreira@gmail.com

“reverter” esse quadro, ele passa a presentear-lhe com cortes de tecido, enfeites para o cabelo e até mesmo um novo batom, na tentativa de fazer renascer (ao menos por fora) a mulher por quem ele se sentia atraído:

Uma fina saudade, porém, começou a alinhavar-se em seus dias. Não saudade da mulher. Mas do desejo inflamado que tivera por ela. Então lhe trouxe um batom. No outro dia um corte de seda. À noite tirou do bolso uma rosa de cetim para enfeitar-lhe o que restava dos cabelos. (Colasanti, 1986)

Tal atitude tomada pelo personagem masculino nessa parte da narrativa vai ao encontro daquilo que Miller (1999 apud Pereira; Camargo e Aoyama, 2018, p. 4) afirma sobre relacionamentos abusivos, os quais transmitem, nada mais nada menos, do que uma necessidade em controlar o outro, de tal modo que o controle só tem fim em si mesmo, ou seja, é um círculo vicioso e totalmente egoísta. O abusador do conto em questão deseja controlar a vida de sua esposa, a fim de que as suas próprias vontades sejam sempre satisfeitas, ora quando ele não quer que nenhum outro homem olhe para ela, ora quando ele quer voltar sentir desejo por ela como antigamente. É sempre sobre e por ele.

À personagem feminina resta, então, a conformidade em viver passivamente, sem perspectiva, sem vaidade, no “modo automático”, esperando, talvez, o próximo comando do controlador de marionete. Claro que isso não ocorre por sua própria vontade, embora esse achismo persista até os dias de hoje. Como bem aponta Chauí (1984 apud Tavares e Nery, 2012, p. 14), as mulheres são “cúmplices” e “contribuem” para a reprodução de sua própria dependência em relação aos homens, porque estão historicamente inseridas na parte inferior das relações de poder, ou seja, é involuntário e até mesmo inconsciente.

Por mais que a leitura do conto seja dura e cause bastante incômodo (e eu acredite que essa era a intenção da autora), compreendo que Colasanti faz uma espécie de denúncia ao retratar um tipo de relacionamento assim. É muito difícil que nenhuma/nenhum de nós não conheça uma história semelhante à da narrativa na vida real. É muito difícil que nenhuma de nós não corra o risco de viver algo parecido, afinal, vivemos sobre as raízes de uma mentalidade patriarcal propositalmente articulada para inferiorizar o gênero feminino em qualquer que seja a instância da vida social.

Falar publicamente sobre as formas de violência e/ou abusos sofridos por mulheres ainda é visto como algo radical e tabu. Denunciar as formas de opressão do patriarcado é visto como rebeldia, subversão, apelação, ou qualquer outro termo que tente minimizar e inferiorizar a luta por igualdade e equidade entre os gêneros. Por isso, não colocar toda essa sujeira debaixo do tapete é tão necessário, seja através da Literatura, como fez Colasanti,

ou de qualquer outra manifestação que permita que o visível seja cada vez mais visto, debatido, analisado, repensado e, principalmente, combatido. Que sejamos, então, cada vez mais rebeldes, subversivos e apelativos, como pede a receita.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro. Disponível em: <https://materialfeminista.milharal.org/files/2012/08/O-Segundo-Sexo-vol1-Fatos-e-Mitos-Simone-de-Beauvoir1.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2025

COLASANTI, Marina. Para que ninguém a quisesse. In: *Contos de amor rasgados*. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

PAULINO, Simone Campos; KAUSS, Vera Lúcia Teixeira. Representação da violência de gênero no conto “Para que ninguém a quisesse” de Marina Colasanti. Disponível em: https://www.academia.edu/33280188/REPRESENTA%C3%87%C3%83O_DA_VIOL%C3%84NCIA_DE_G%C3%84NERO_NO_CONTO_PARA_QUE_NINGU%C3%89M_A_QUISESSE_DE_MARINA_COLASANTI. Acesso em: 26 fev. 2025.

PEREIRA, Daniely Cristina de Souza; CAMARGO, Vanessa Silva; AOYAMA, Patrícia Cristina Novaki. Análise funcional da permanência das mulheres nos relacionamentos abusivos: Um estudo prático. Disponível em: <https://rbtcc.com.br/RBTCC/article/view/1026/588>. Acesso em: 26 fev. 2025.

TAVARES, Ana Carolina Cerveira; NERY, Inez Sampaio. Violência doméstica conjugal contra as mulheres: uma reflexão acerca da dimensão simbólica proposta por Pierre Bourdieu. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/17redor/17redor/paper/view/125/60>. Acesso em: 26 fev. 2025.